
A NATUREZA SAGRADA DO CANDOMBLÉ: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO MÍSTICA ACERCA DA NATUREZA EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ NO NORDESTE DE BRASIL


NIVALDO AURELIANO LÉO NETO e RÔMULO ROMEU DA NÓBREGA ALVES

RESUMO

A religião, como sistema cultural de crenças e valores, influencia os modos de percepção e interação que as comunidades humanas possuem com a natureza. Possuidor de uma imensa diversidade biológica e cultural, o Brasil apresenta em seu processo de formação sócio-cultural, influências dos mais diversos povos. O presente trabalho objetivou analisar o discurso de sacerdotes e sacerdotisas de candomblé, religião afro-brasileira de formação sincrética, em duas cidades da região Nordeste do Brasil (Caruaru, PE e Campina Grande, PB), acerca da construção mística que os adeptos elaboram a partir (e sobre) da natureza. Por meio de questionários semi-estruturados, complementados por entrevistas abertas, foram entrevistados 11 sacerdotes e sacerdotisas. Através dos dados obtidos, pôde ser

demonstrada a importância da natureza para esta religião. De acordo com as crenças, a natureza representa uma manifestação viva das suas divindades. Certos animais são protegidos por serem considerados sagrados, simbolizando os seus deuses, proteção esta explicada através de mitos, histórias, lendas. Por outro lado, outras espécies são utilizadas em práticas associadas a religião, representando uma pressão adicional sobre as populações naturais, evidenciando a necessidade de se considerar a dimensão religiosa na elaboração de medidas de preservação ambiental e manejo da biodiversidade. Cabe ressaltar que essas mesmas medidas não devem deixar de levar em consideração todo o contexto religioso, bem como a tradição e identidade cultural das pessoas envolvidas.

O sobrado de mamãe é debaixo d'água,
Debaixo d'água por cima da areia,
Tem ouro, tem prata,
Tem diamante que nos alumia
Cantiga para Janaína, Maria Bethânia

 religião e os aspectos culturais estão relacionados a percepção da natureza e da biodiversidade, influenciando os diferentes modos pelos quais os recursos naturais podem ser utilizados (Cohn, 1988; Anyinam, 1995; Berkes, 2001; Alves, 2006, 2008; Alves e Pereira-Filho, 2007; Alves e Rosa, 2008; Alves *et al.* 2008, 2009a, b, 2010a, b; Leo Neto *et al.*, 2009). Todas as religiões são sensíveis aos assuntos relacionados à biodiversidade,

considerando-se essencialmente a necessidade de tratar toda a vida com respeito (McNeely, 2001). De acordo com Berkes (2001), embora as tradições religiosas, especificamente, tenham pouco para dizer sobre biodiversidade, elas provêm valores, visões de mundo, ou éticas ambientais, que moldam a maneira pela qual as diversas sociedades interagem com a diversidade biológica e a natureza.

O candomblé constitui-se em uma religião afro-brasileira for-

mada pelo sincretismo entre elementos católicos e africanos, sendo o ponto central as festas para os orixás (nome pelo qual as divindades são conhecidas), envolvendo possessões e sacrifícios de animais (Bastide, 1971, 1973, 2001; Carneiro, 1977; Ribeiro, 1978; Prandi, 1991, 1996, 2004; Cruz, 1994; Carvalho, 2001; Jensen, 2001; Ferretti, 2002; Oro, 2005). O fenômeno da possessão, neste caso, seria provocado pela própria divindade servindo-se do crente como instrumento para a comu-

PALAVRAS-CHAVE / Candomblé / Etnozoologia / Imaginário / Religiões Afro-brasileiras / Sagrado /

Recebido: 30/05/2009. Modificado: 24/06/2010. Aceito: 29/06/2010.

Nivaldo Aureliano Léo Neto. Graduado em Ciências Biológicas e Mestrando em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Brasil. Endereço: Avenida Aprígio Veloso, 882, Bodocongó, CEP 58109-970, Campina Grande, PB, Brasil. e-mail: nivaldoleo@gmail.com

Rômulo Romeu da Nóbrega Alves. Graduado em Ciências Biológicas, Mestre em Zoologia e Doutor em Zoologia, Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Professor, Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

nicação com os mortais (Carneiro, 1977). Constitui-se em uma religião iniciática, de tradição oral, onde o conhecimento, segundo Augras (2006) é antes vivenciado do que verbalizado. Os orixás são associados a elementos da natureza, fenômenos meteorológicos como a chuva e o arco-íris, certas plantas e animais, atividades econômicas a que se entregavam os negros e determinadas cores, como o branco de Oxalá e o vermelho de Xangô (Carneiro, 1977; Cruz, 1994; Bastide, 2001; Lépine, 2006).

Nas últimas décadas, surgiram estudos que abordavam a relação entre a religião e o meio ambiente (Schofeleers, 1978; Carmody, 1983; Hargrove, 1986; Bowman, 1990; Rockefeller e Elder, 1992; Suzuki e Knudson, 1992). O presente trabalho objetivou analisar o discurso dos sacerdotes e sacerdotisas de candomblés em relação à natureza, sobretudo com a fauna, buscando registrar a importância da biodiversidade no contexto das religiões afro-brasileiras, averiguando como as crenças religiosas permeiam a interação que os adeptos possuem com os animais.

Material e Métodos

Área de estudo

O estudo foi conduzido em duas localidades situadas no Nordeste do Brasil: Caruaru, estado de Pernambuco, e Campina Grande, estado da Paraíba. A cidade de Caruaru (8°17'00"S, 35°58'34"W) está localizada na Mesorregião do Agreste Pernambucano; dista 132km da capital do estado, Recife, e abrange uma área de 10117km² (Albuquerque e Almeida, 2002). Possui uma altitude média de 537m, seu clima é semi-árido quente, com média de 22°C-30°C e índice pluviométrico anual em torno de 609mm, com o período mais chuvoso os meses de junho e julho. De acordo com o censo do IBGE (2007), a população consistia em ~290000 habitantes.

Campina Grande está (7°13'11"S, 35°52'31"W) distante 112,9km da capital do Estado, João Pessoa; localizada na Mesorregião do Agreste Paraibano. Possui uma área de 621km², com uma altitude de 551m, apresentando um clima do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco, com uma temperatura em torno de 22°C-30°C, sendo a estação chuvosa iniciando-se em janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo prolongar-se até outubro. De acordo com censo do IBGE

(2007), Campina Grande possuía uma população de ~371000 habitantes.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada durante os meses de agosto de 2007 e junho de 2008, período durante o qual foram visitadas 11 casas de cultos afro-brasileiros (chamados de terreiros) nas cidades de Campina Grande e Caruaru, onde foram entrevistados nove sacerdotes e duas sacerdotisas, popularmente conhecidos por pais e mães-de-santo, respectivamente, e em *Yorubá* (língua ritualística utilizada nos terreiros) conhecidos como *Babalorixá* e *Ialorixá*. O número obtido de entrevistados reflete a dificuldade em localizar os terreiros, uma vez que os adeptos sofrem constante preconceito e geralmente optam por não demonstrar que naquele local existe um templo religioso dedicado aos orixás. Tentativas de se obterem mais endereços junto às associações de cultos afro-brasileiros foram realizadas, porém, sem muito sucesso. Este fato ocorreu devido aos registros, por serem muito antigos, possuírem os endereços muitas vezes desatualizados. O estudo teve aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba (0241.0.133.000-07).

As entrevistas foram conduzidas através de questionários semi-estruturados (Bernard, 1994) complementados por entrevistas informais (Mello, 1995; Chizzotti, 2000; Albuquerque e Lucena, 2004). Os questionários continham questões sobre as espécies animais de uso mágico-religioso, formas de uso e partes utilizadas. A partir destes questionamentos, foram obtidas as informações acerca da associação entre a sua religião e a natureza. Quando permitidas, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para confirmação das informações.

Resultados e Discussão

A partir do discurso dos *Babalorixás* e das *Ialorixás* entrevistadas, ficou evidenciada a importância da natureza nos cultos e rituais associados ao candomblé, os quais são discutidos a seguir:

Os orixás e a natureza

A associação dos orixás aos elementos da natureza assume uma importante significação quando analisada em um contexto ecológico.

Segundo os entrevistados, cada orixá possui um domínio, ou reino, específico. Temos como exemplo *Yemanjá*, orixá de culto bastante difundido no Brasil, onde recebe o título de "Rainha do Mar" e Oxóssi, orixá responsável pelas atividades de caça, dominando as matas virgens, sendo considerado o protetor dos animais silvestres. Segundo Caputo e Passos (2007), apesar de todas as culturas terem a dimensão da sacralidade, aquilo que é ou não sagrado, se modifica de uma para outra, ou seja, se a noção do sagrado é universal, os elementos relacionados culturalmente à dimensão do sagrado são criados, simbolizados e representados de formas diferentes dependendo do contexto cultural.

Como conseqüência desta visão de mundo, o espaço natural torna-se sagrado, repleto de poderes místicos, de crenças que os rodeiam, de mitos e lendas que revestem estes espaços com uma aura de mistério. Determinados espaços que aos olhos dos não-adeptos podem parecer normais, para os fiéis do candomblé os mesmos muitas vezes possuem acesso proibido, sendo permitida a entrada de somente algumas poucas pessoas que possuem uma determinada função sacerdotal. Citemos como exemplo um cargo sacerdotal chamado de *Babalossaim*, existente em alguns terreiros. O *Babalossaim* seria o responsável em coletar todos os tipos de plantas que irão ser utilizadas nas atividades litúrgicas, uma vez que estas fazem parte do domínio de Ossãe, estando este tipo de sacerdócio ligado exclusivamente a este orixá.

Para os entrevistados, a natureza torna-se sagrada na medida em que a mesma assume uma representação viva das suas divindades, ou, às vezes, mais do que isso, chegando ao ponto dos orixás serem considerados a própria natureza. A partir desta visão, a natureza torna-se intocável, divina, parte integrante e essencial da religião. Deixa-se de ter uma simples associação orixá / natureza para ser orixá = natureza. Esta visão pode ser evidenciada através das seguintes falas dos sacerdotes:

"Destruir a natureza seria destruir a nossa religião, os próprios orixás" (Mãe C. de Oxum, Caruaru, PE).

"Nosso orixá é a natureza, então se ela morrer, morre também nossos orixás. Como é que vamos cultuar um orixá que é a Natureza, destruindo a Natureza?" (Pai F. de Logun-Edé, Caruaru, PE).

“Eu tenho um orixá natureza pura e viva. É a água, é a cachoeira, é o rio, é a terra, é as plantas, é o ar que a gente respira, é o Sol que a gente precisa dele. É assim que eu vejo o orixá, é assim que eu acredito” (Pai M. de Xangô, Caruaru, PE).

Por ser essencial à religião, a natureza e os seus elementos passam a serem tratados de uma forma especial, já que dessa forma, segundo a própria crença do candomblé, os próprios deuses são cultuados. Os alimentos que são ofertados, os sacrifícios realizados, a vida que é retirada, volta para a terra, alimentando-a e completando o ciclo de energia. O depoimento abaixo ilustra o que foi dito:

“Porque quando a gente dá de comer aqui ao orixá, aquelas coisas que fica, que bota, as asas, os pés, as vísceras, a cabeça, aquilo ali volta pra terra. Não vai ser despachado depois? Volta pra terra, pra alimentar a terra. Vai fertilizar a terra. Volta pra natureza. A terra vai receber aquilo em forma de fertilizante. Daquilo ali, a terra vai ficar mais forte, pra produzir mais, criar outras frutas, outras coisas. É o ciclo de energia. É uma coisa lógica. A energia volta pra energia. A terra volta pra terra. E assim sucessivamente. Um dia a gente vai voltar pra terra também, vai alimentar a terra e daquele alimento a terra vai ficar mais forte. Até a gente acabar com a Terra. Que a gente vai acabar o planeta. Isso aí é indiscutível, que o planeta vai ser destruído por a gente. A gente o ser humano” (Pai M. de Xangô).

Alguns espaços naturais, como por exemplo as cachoeiras, são esporadicamente freqüentados por adeptos de candomblés para a realização de rituais específicos, neste caso geralmente a Oxum. Uma sacerdotisa entrevistada comentou que não estava mais realizando as oferendas nas cachoeiras devido a proibições dos órgãos ambientais competentes. Outro caso de usufruto de um recurso natural por religiões afro-brasileiras é a Festa de *Yemanjá*, realizada na capital do estado da Paraíba, João Pessoa. Agregando enormes quantidades de fiéis e simpatizantes, os participantes realizam uma caminhada em direção à praia, onde realizam suas oferendas de flores, perfumes e sabonetes. Estudos que analisem possíveis impactos que estas práticas causam à biodiversidade devem ser realizados, uma vez que as práticas culturais e religiosas da popu-

lação também devem ser asseguradas. Se por um acaso ficasse constatado que estas práticas religiosas acarretam em danos, soluções para corrigi-los deveriam ser propostas, existindo acordo entre os órgãos ambientais e as populações interessadas em usufruir deste recurso natural, neste caso, os adeptos dos candomblés.

Espaço urbano e espaço do mato

Dentro do espaço físico do candomblé, existem edificações necessárias a este culto. Longe de passarem despercebidas, Santos (1997) atentou para as mesmas, separando-as em “espaço urbano” e “espaço do mato”, cada qual com suas características peculiares. Segundo a autora, no espaço urbano encontram-se todas as edificações do terreiro, sejam elas as casas-templos onde são cultuados os orixás, a cozinha ritual, o quarto onde ocorrem as iniciações e o próprio barracão, um grande salão onde se realizam as festas públicas. No espaço do mato, por sua vez, encontram-se as árvores, arbustos, ervas, em suma, todos os ingredientes vegetais necessários às atividades litúrgicas. Existe uma separação marcante entre estes dois espaços. O espaço urbano, domesticado e civilizado difere do espaço do mato, selvagem e incontrolável. As representações simbólicas que aí estão embutidas tornam por caracterizar o espaço do mato como sagrado, por ser habitado por espíritos e entidades sobrenaturais. As observações realizadas por Santos (1997) corroboram as falas dos sacerdotes quando os mesmos afirmam que devem proteger a natureza já que desta forma estariam protegendo os próprios orixás.

Devido a todo o contexto de expansão da urbanização nos dias atuais, está cada vez mais difícil encontrar espaços que possuam algum tipo de natureza selvagem. Em observações nos terreiros visitados, poderíamos nos questionar sobre a existência do espaço de mato. Uma vez que os mesmos dispõem de relativamente pouco espaço físico, o espaço urbano tomaria conta de todo o terreiro. Em uma análise superficial, poderíamos concluir que o espaço mato não estaria mais presente. Entretanto, em uma análise mais detalhada, percebe-se que alguns orixás (como por exemplo *Ossãe*), representados através dos *Ibás* ou assentamentos, eram constituídos de elementos da natureza, geralmente plantas específicas. Os *Ibás* constituem-se em locais específicos

para cada entidade sobrenatural, cujos elementos que os compõem expressam os diversos aspectos do orixá cuja natureza simbolizam (Santos, 1997). Portanto, os *Ibás* possuem os mais diversos elementos, indo desde lanças de ferro, palhas da costa, búzios, cabaças, folhas, pratos de porcelana e pequenos jarros. Segundo Santos (1997), ao analisarmos os elementos e a estrutura de cada *Ibá*, poderíamos obter materiais precisos para a pesquisa da natureza das entidades sobrenaturais.

A partir disto, pode-se inferir que o espaço mato encontra uma adaptação dentro do espaço urbano. Desta forma, o elemento considerado sagrado encontra o seu local em um ambiente considerado desprovido desta sacralidade. Como consequência deste fato, o espaço urbano, desprovido de sacralidade, torna-se sagrado, já que o mesmo toma “emprestado” este caráter do espaço de mato, ocasionando em uma troca recíproca entre esses dois ambientes, conforme observado por Santos (1997). Deve-se atentar também para o fato de que quando se faz referência ao espaço dos terreiros, não se deve ater somente ao espaço físico, mas a todo o espaço simbólico incluído no mesmo, constantemente (re)criado e transformado.

No Brasil, o culto aos orixás é pensado como um culto à natureza (Albuquerque, 2007), conforme também pude-se notar na presente pesquisa. Os mitos (chamados de *Itãs*) dos orixás apontam para uma longa memória em que os deuses habitavam a terra, uma necessidade de explicação da vida, dos fatos, das ações de um povo (Fernandes e Mota, 2007). Os povos de tradição oral possuem a necessidade de registrar os seus fatos históricos, gerando dessa forma, segundo Beniste (2006), a mitologia. De acordo com este autor, sempre há um mito, um exemplo capaz de justificar qualquer coisa e qualquer prática, que não deve ser interpretado como curiosidade científica, mas sim como o reviver de uma mentalidade primordial. Logo, os mitos no candomblé apresentam extrema importância. São justamente os *Itãs* que imprimem as suas marcas, suas (re)formulações da natureza, transformando-a de “simples” elemento natural, objeto de exploração do ser humano a um elemento sagrado deste culto e para os adeptos do mesmo. O espaço, desta forma, é (re)criado a partir das experiências do sagrado. O imaginário (que muitas vezes pode ser negligenciado) preenche as

lacunas de um objetivismo racional da sociedade em que o candomblé está inserido.

Animais e orixás

Alguns autores (Rodrigues, 1945; Carneiro, 1977; Santos, 1997; Bastide, 2001) registraram a associação de determinadas árvores às divindades, sendo estas consideradas moradas desses espíritos, sacralizando-as e tornando-as intocáveis. Como exemplo dessas árvores, temos o irôco, referida por Bastide (2001) como a espécie *Ficus do-liaria*, uma gameleira de folhas largas que segundo o culto popular são residências de santos ou espíritos, existindo a crença na animação direta da planta. Dessa forma, cortá-las seria cometer um sacrilégio (Rodrigues, 1945). Outros autores também têm registrado que é comum a utilização de plantas no candomblé (Albuquerque, 1997, 2007; Camargo, 1998, 1999; Voeks, 1997, 2005).

De modo similar, os animais também são considerados elementos fundamentais para os cultos afro-brasileiros. Segundo Oro (2005), as religiões afro-brasileiras são sacrificiais e todas as suas expressões, menos a umbanda dita “branca”, realizam rituais de imolação de animais, sejam eles de quatro pés (caprinos, ovinos, suínos e bovinos), ou de dois pés (galináceos e pombos). Léo Neto (2008) constatou a utilização de 83 espécies de animais para as mais diversificadas finalidades cerimoniais em casas de candomblés. Alguns desses animais são silvestres, como o veado-do-mato (*Mazama americana*) e o tatu (*Dasypus novemcinctus*), e outros estão inclusos em listas de espécies ameaçadas, como por exemplo, o búzio-de-chapéu (*Eustrombus goliath*), presente na Lista Brasileira de Espécies Sobreexploradas ou Ameaçadas de Sobreexploração (MMA, 2004), utilizado como ornamentação nos terreiros. De um ponto de vista conservacionista, essas práticas, quando

TABELA I
ANIMAIS ASSOCIADOS AOS ORIXÁS EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE CARUARU, PE, E CAMPINA GRANDE, PB, BRASIL

Família/Espécie	Nome citado	Associação com o orixá
Crustáceos		
Ocypodidae		
<i>Ucides cordatus</i> (Linnaeus, 1763)	Caranguejo	Associado à Nanã por causa do hábitat (lama)
Peixes		
Syngnathidae		
<i>Hippocampus reidi</i> Ginsburg, 1933	Cavalo-marinho	Animal símbolo de Logun-Edé devido ao caráter da dualidade
Anfíbios		
Família não identificada		
<i>Espécie não identificada</i>	Rã-de-peito	Associado à Oxum por causa do hábitat
Família não identificada		
<i>Espécie não identificada</i>	Sapo-boi	Associado à Nanã por causa do hábitat
Bufonidae		
<i>Rhinella jimi</i> (Stevaux, 2002)	Sapo-cururu	Associado à Nanã por causa do hábitat
Répteis		
<i>Todas as espécies de serpentes</i>	---	Associadas a Oxumarê
Chelidae		
<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	Cágado d'água	Associado a Xangô por causa da Força e Resistência
Testudinidae		
<i>Chelonoidis denticulata</i> (Linnaeus, 1766)	Jabuti	Associado a Xangô por causa da Força e Resistência
Viperidae		
<i>Crotalus durissus</i> Linnaeus, 1758	Cascavel	Simboliza Oxumarê
Aves		
Anatidae		
<i>Anas</i> sp.	Pato	Associado a Oxum e Yemanjá por causa do nado gracioso, em analogia com a beleza desses orixás
Columbidae		
<i>Columba livia</i> (Gmelin, 1789)	Pombo, Irlé	Em associação a Oxalá, em simbologia a Paz e Serenidade deste orixá
<i>Columbina</i> sp.	Rolinha	Em associação a Oxóssi, por causa do hábitat silvestre
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	Ribaça	Em associação a Oxóssi, por causa do hábitat silvestre
Phasianidae		
<i>Pavo cristatus</i> Linnaeus, 1758	Pavão	Associado a beleza de Logun-Edé
<i>Phasianus</i> sp.	Faisão	Associado a beleza de Logun-Edé
Mamíferos		
Bovidae		
<i>Bubalus bubalis</i> (Linnaeus, 1758)	Búfalo	Representa Iansã
<i>Ovis aries</i> (Linnaeus, 1758)	Carneiro/Ovelha	Para os filhos-de-Iansã é <i>quizila</i>
Cervidae		
<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	Veado-do-mato	Em associação a Oxóssi, por causa do hábitat silvestre

de forma indiscriminada, podem causar impactos negativos às populações de espécies ameaçadas. Entretanto, da mesma forma que existe uma associação de certas divindades com plantas, tornando-as dessa forma protegidas, existe uma significação vigente em alguns animais.

De acordo com os entrevistados, certos animais são associados a determinados orixás, seja por causa da sua beleza, de narrativas míticas ou até mesmo do hábitat do animal, o qual pode estar associado ao domínio do orixá (Tabela I).

Os escravos trazidos da África para a colonização do Brasil

provinham de vários locais, mais especificamente, de diversas tribos, cada qual com um culto a uma divindade particular e uma prática litúrgica específica (Rodrigues, 1945; Carneiro, 1977). Quando esses escravos chegaram ao Brasil, em um processo de encontro e reorganização dessas práticas litúrgicas, juntamente com a influência católica, geraram as diversas nações do candomblé, a citar o Nagô, o Keto, o Banto, entre outras. Dentro da nação de Keto, o caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) é associado à Nanã e a Omolu. Nanã, antiga divindade do panteão afro-brasileiro, é associada à lama e à terra úmida, sendo Omolu o seu filho.

A lama é a morada dos caranguejos, logo, para os adeptos do candomblé existe essa associação de Nanã e Omolu com o caranguejo, levando-se em consideração o hábitat do animal. O guaiamum (*Cardisoma guanhumí*), de acordo com Pai M. de Xangô, não apresentaria essa proteção já que o animal não teria uma morada tão específica na lama. Essa afirmação é corroborada por Botelho *et al.* (2001), que ressalta que o guaiamum possui um hábitat semiterrestre, construindo galerias acima da marca de preamar, em solos mais arenosos.

A mesma associação do hábitat do animal com o orixá ocorre com os sapos, por seu hábitat de terra úmida, de lamaçais, estando associados à Nanã. São protegidos dentro da nação de Keto, sendo utilizados somente por pessoas que praticam a chamada “magia negra”, utilizada para causar danos a outras pessoas. Para os entrevistados, indivíduos que praticam a magia negra não podem ser considerados como adeptos do candomblé, pois de acordo com estes, nesta religião não pode existir a intenção de fazer o mal às outras pessoas.

Alguns animais não são sacrificados para determinados orixás devido às narrativas míticas. Por exemplo, um dos mitos narrados pelos entrevistados conta que quando Iansã saiu da terra, ela assumiu uma forma de búfalo (*Bubalus bubalis*), sendo que por isto, não se sacrificam búfalos para Iansã. Da mesma forma, não se realizam sacrifícios de carneiros (*Ovis aries*) para esse orixá, pois a mesma escondeu-se debaixo desse animal para se proteger dos raios enfiados de seu esposo Xangô. Alguns animais, como por exemplo, o cágado-d’água (*Phrynops geoffroanus*) e o jabuti (*Chelonoidis denticulata*) são sacrificados ao orixá Xangô devido às características que este orixá apresenta (força e resistência, por exemplo), que de acordo com os praticantes do candomblé também podem ser encontradas nos respectivos animais. Cabe ressaltar as diferenças litúrgicas que podem ser encontradas entre os praticantes. Para exemplificar, em visita informal a um terreiro, uma



Figura 1: Objetos simbólicos de Logun-Edé. a: Um abebé, leque com espelho (símbolo de sua mãe Oxum) em formato de cavalo-marinho, e b: um ofá, arco-e-flecha (símbolo de seu pai Oxóssi).



Figura 2: a: Local simbólico onde a energia do orixá reside, chamada de Ibá ou “assentamento”, neste caso, pertencente a Oxumarê, com uma serpente símbolo deste orixá. b: Estátua em madeira em formato de serpente representando Oxumarê.

sacerdotisa duvidou da informação adquirida pelo primeiro pesquisador referente ao sacrifício do cágado-d’água (*P. geoffroanus*) para Xangô. Uma vez que este orixá, de acordo com a mesma, está associado ao elemento fogo, jamais um animal de hábitat aquático poderia ser simbolizado a esta divindade. A referida sacerdotisa ainda informou que criava jabutis (*C. denticulata*) como animais de estimação, não os sacrificando, já que acreditava que desta forma também estava cultuando a energia do orixá Xangô.

Exemplo significativo de proteção pode ser encontrado nos mitos de Logun-Edé. Os sacerdotes relataram que Logun-Edé é uma divindade gerada do amor de duas outras divindades: Oxum, orixá responsável pelos rios e cachoeiras e Oxóssi, orixá caçador. Desta forma, Logun-Edé seria

um orixá tanto pescador quanto caçador, herdando da mãe e do pai essas características. Logun-Edé é representado pelo cavalo-marinho (*Hippocampus* sp.), que simboliza um caráter dubio, pois ele “nem é peixe e nem é cavalo” (Figura 1).

De modo similar, todas as espécies de serpentes, segundo os sacerdotes, estão associadas a Oxumarê, orixá responsável pela chuva e o arco-íris, significando muitas vezes o movimento (Figura 2).

Outra imposição interessante reside nas restrições alimentares dos adeptos, uma série de proibições e preceitos que são chamadas de *euós* ou *quizilas*. A análise parte do que Augras (2006) denominou de “autofagia simbólica”. Segundo as crenças afro-brasileiras, os filhos-de-santos são formados a partir de elementos que remetem à constituição genérica do seu orixá patrono, logo, não se pode comer daquilo de que você próprio é formado. As proibições também se justificam por mitos, que revelam a interação dos animais, por exemplo, com os orixás (a exemplo do carneiro de Iansã). Todavia, pode acontecer de algo ser proibido para um filho de um determinado orixá e não ser para outro.

O candomblé fundamenta-se em crenças, valores e mitos que muitas vezes se expressam em elementos da natureza. Tais características do candomblé influenciam diretamente e/ou indiretamente na relação com a biodiversidade. Certos animais são protegidos por serem considerados sagrados, simbolizando os seus deuses, proteção esta explicada através de mitos, histórias, lendas. Por outro lado, outras espécies são utilizadas em práticas associadas a religião, representando uma pressão adicional sobre as populações naturais. Estudos que visem melhor elucidar a interação entre o ser humano e a natureza em suas várias formas, inclusive a religiosa, poderão colaborar para a elaboração de medidas de preservação ambiental e manejo dos recursos da fauna. Cabe ressaltar que essas mesmas medidas não devem deixar de levar em consideração todo o contexto religioso, bem como a tradição e identidade cultural das pessoas envolvidas.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os sacerdotes e sacerdotisas que receberam o primeiro autor em suas casas-de-santo, sendo pacientes em suas intermináveis perguntas: Mãe Cris de Oxum, Mãe Mere de Omolu, Pai Flávio de Logun-Edé, Pai Marivaldo de Xangô, Pai Jésus de Ogum, Cigano, Mãe Roberta de Oxum; a todos que compõem o Ilê Axé Oxum Opará; ao CNPq por conceder uma bolsa de iniciação científica ao primeiro autor; e a Raynner Rilke e Carmen Samiguel, pela ajuda nos resumos em inglês e espanhol.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque UP (1997) *Folhas Sagradas*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Brasil. 195 pp.
- Albuquerque UP (2007) *O Dono do Segredo: O Uso de Plantas nos Cultos Afro-Brasileiros*. NUPEEA, UFRPE. Recife, Brasil. 72 pp.
- Albuquerque UP, Almeida CFCBR (2002) Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. *Interciência* 27: 276-284.
- Albuquerque UP, Lucena RFP (2004) Métodos e técnicas para coleta de dados. Em Albuquerque UP, Lucena RFP (Eds.) *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. NUPEEA, Livro Rápido. Recife, Brasil. pp.37-62.
- Alves RRN (2006). *Uso e Comércio de Animais para Fins Mágico-Religiosos no Norte-Nordeste do Brasil*. Tese. Universidade Federal da Paraíba. Brasil. 252 pp.
- Alves RRN (2008) Commercialization of *Uranoscodon superciliosus* Linnaeus (1758) (Tropiduridae) for magical-religious purposes in North and Northeastern of Brazil. *Sitientibus Sér. Cs. Biol.* 8: 257-258.
- Alves RRN, Pereira-Filho GA (2007) Commercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management. *Biodiv. Cons.* 16: 969-985.
- Alves RRN, Rosa IL (2008) Use of tucuxi dolphin *Sotalia fluviatilis* for medicinal and magic religious purposes in North of Brazil. *Human Ecol.* 36: 443-447.
- Alves RRN, Vieira WLS, Santana GG (2008) Reptiles used in traditional folk medicine: conservation implications. *Biodiv. Cons.* 17: 2037-2049.
- Alves RRN, Léo Neto NAL, Santana GG, Vieira WLS, Almeida WO (2009a) Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. *Appl. Herpetol.* 6: 257-274.
- Alves RRN, Léo Neto NA, Brooks SE, Albuquerque UP (2009b) Commercialization of animal-derived remedies as complementary medicine in the semi-arid region of Northeastern Brazil. *J. Ethnopharmacol.* 124: 600-608.
- Alves RRN, Barboza RRD, Souto MSW (2010a) Primates in traditional folk medicine: a world overview. *Mammal Rev.* 40: 155-180.
- Alves RRN, Barboza RRD, Souto WMS (2010b) A Global overview of canids used in traditional medicines. *Biodiv. Cons.* 19: 1513-1522.
- Anyinam C (1995) Ecology and ethnomedicine: Exploring links between current environmental crisis and indigenous medical practices. *Soc. Sci. Med.* 40: 321-329.
- Augras M (2006) Quizilas e preceitos. Em Moura CEM (Org.) *Culto aos Orixás, Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-Brasileiras*. Pallas. Rio de Janeiro, Brasil. pp.157-196.
- Bastide R (1971) *As Religiões Africanas no Brasil: Estudo Sociológico das Religiões Afro-Brasileiras*. Vol. 2. EDUSP. São Paulo, Brasil. 324 pp.
- Bastide R (1973) *Estudos Afro-Brasileiros*. Perspectiva. São Paulo, Brasil. 374 pp.
- Bastide R (2001) *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô*. Companhia das Letras. São Paulo, Brasil. 379 pp.
- Beniste J (2006) *Mitos Yorubás: O Outro Lado do Conhecimento*. Bertrand. Rio de Janeiro, Brasil. 304 pp.
- Berkes F (2001) Religious traditions and biodiversity. Em Levin S (Ed.) *Encyclopedia of Biodiversity*. Vol 5. Academic Press. San Diego, CA, EEUU. pp.109-120.
- Bernard R (1994) *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*. Sage. Thousand Oaks, CA, EEUU. 824 pp.
- Botelho ERO, Santos MCF, Souza JRB (2001) Aspectos populacionais do guaiamum, *Cardisoma gualanum* Latreille, 1825, do estuário do rio Uma (Pernambuco- Brasil). *Bol. Técn. Cient.* 9: 123-146.
- Bowman DC (1990) *Beyond the Modern Mind: The Spiritual and Ethnical Challenge of the Environmental Crisis*. Pilgrim Press. Nova Iorque, NY, EEUU. 125 pp.
- Camargo MTLA (1998) *Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiro II. Estudo Etnofarmacobotânico*. Ícone. São Paulo, Brasil. 232 pp.
- Camargo MTLA (1999) *As Plantas do Catimbo em Meleagro de Luís da Câmara Cascudo*. Coleção Religião e Sociedade Brasileira. Vol. 7. Humanitas/FAPESP. São Paulo, Brasil. 201 pp.
- Caputo SG, Passos M (2007) Cultura e conhecimento em terreiros de Candomblé - lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá. *Curríc. sem Front.* 7: 93-111.
- Carmody J (1983) *Ecology and Religion: Toward a New Christian Theology of Nature*. Paulist Press. Nova Iorque, NY, EEUU. 185 pp.
- Carneiro E (1977) *Candomblés da Bahia*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, Brasil. 145 pp.
- Carvalho JJ (2001) El misticismo de los espíritus marginales. *Ver. Col. Antropol.* 37: 112-150.
- Chizzotti A (2000) *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Cortez. São Paulo, Brasil. 164 pp.
- Cohn JP (1988) Culture and conservation. *BioScience* 38: 450.
- Cruz ICF (1994) As religiões afro-brasileiras: subsídios para o estudo da angústia espiritual. *Rev. Esc. Enferm. USP* 28: 125-136.
- Fernandes AO, Mota MS (2007) Da apropriação e reiteração de discursos iorubás: Uma leitura signíca. *Bibl. On-line Cs. Comunic.* 1: 1-9.
- Ferretti M (2002) *As religiões Afro-Brasileiras no Maranhão*. Comissão Maranhense de Folclore. Boletim on-line 22. www.cmfolclore.vilabol.uol.com.br. (Cons.15/05/2008).
- Hargrove EC (1986) *Religion and Environmental Crisis*. University of Georgia Press. Athens, GA, EEUU. 248 pp.
- IBGE (2007) *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. www.ibge.gov.br. (Cons.20/01/2008).
- Jensen TG (2001) Discursos sobre as religiões afro-brasileiras - Da desafricanização para a reafricanização. *Rev. Est. Relig.* 1: 1-21.
- Léo Neto NA (2008). *Entre o Aiyê e o Orum: Interação Homem/Animal em Terreiros de Candomblés nas Cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB)*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual da Paraíba. Brasil. 123 p.
- Leo Neto N, Brooks SE, Alves RRN (2009) From Eshu to Obatala: animals used in sacrificial rituals at Candomblé terreiros in Brazil. *J. Ethnobiol. Ethnomed.* 5: 23.
- Lépine C (2006) Análise formal do panteão Nagô. Em Moura CEM (Org.) *Culto aos Orixás, Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-Brasileiras*. Pallas. Rio de Janeiro, Brasil. pp. 21-78.
- McNeely JÁ (2001) Religions, traditions and biodiversity - Religious development initiatives. *Compas Magaz.* 4: 20-22.
- Mello LG (1995) *Antropologia Cultural*. 11ª ed. Vozes. Rio de Janeiro, Brasil. 526 pp.
- MMA (2004) *Lista Nacional das Espécies dDe Invertebrados Aquáticos e Peixes Sobreexplotadas ou Ameaçadas de Sobreexplotação*. Instrução Normativa N° 5, 21 de maio de 2004. Ministério do Meio Ambiente. Diário Oficial da União N° 102: 136-142.
- Oro AP (2005) O sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras: Análise de uma polêmica recente no Rio Grande do Sul. *Relig. Soc.* 25: 11-31.

- Prandi R (1991) *Os Candomblés de São Paulo: A Velha Magia na Metrópole Nova*. HUCITEC, EDUSP. São Paulo, Brasil. 262 pp.
- Prandi R (1996) As religiões negras do Brasil. *Rev. USP* 28: 64-83.
- Prandi R (2004) O Brasil com axé: Candomblé e umbanda no mercado religioso. *Est. Avanç.* 18: 223-238.
- Ribeiro R (1978) *Cultos Afro-Brasileiros do Recife*. 2ª ed. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, Brasil. 160 pp.
- Rockfeller SC, Elder JC (1992) *Spirit and Nature: Why the Environment is a Religious Issue?* Beacon Press. Boston, MA, EEUU. 226 pp.
- Rodrigues N (1945) *Os Africanos no Brasil*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, Brasil. 410 pp.
- Santos JE (1997) *Os Nagô e a Morte: Ppâdê, àsèsè e o Culto égun na Bahia*. 8ª ed. Vozes. Petrópolis, Brasil. 264 pp.
- Schoefeleers JM (1978) *Guardians of the Land: Essays on Central African Territorial Its*. Mambo Press. Gwelo, Zimbabwe. 332 pp.
- Suzuki D, Knudtson P (1993) *Wisdom of the Elders: Sacred Native Stories of Nature*. Bantam. Nova Iorque, NY, EEUU. 320 pp.
- Voeks RA (1997) *Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil*. University of Texas Press. Austin, TX, EEUU. 256 pp.
- Voeks RA (2005) Candomble of Brazil. Em Kaplan J, Taylor B (Eds.) *Encyclopedia of Religion and Nature, 1*. Continuum Press. Bristol, EEUU. pp. 260-265.

THE SACRED NATURE OF THE CANDOMBLÉ: ANALYSIS OF THE MYSTIC CONSTRUCTION CONCERNING THE NATURE IN TERREIROS OF CANDOMBLÉ IN NORTHEAST, BRAZIL

Nivaldo Aureliano Léo Neto and Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

SUMMARY

The religion, as a cultural system of beliefs and values, influences the ways of perception and interaction that the human communities have with nature. Gathering an immense cultural and biological diversity, Brazil has had, in the process of socio-cultural formation, influences from many different peoples. The aim of the present study was to analyze the speech of priests and priestess of candomblé, Afro-Brazilian religion of sincretic formation, in the cities of Caruaru (PE) and Campina Grande (PB). Through semi-structured questionnaires complemented by free and informal conversations, 11 priests and priestesses were interviewed. Through the obtained data, the importance of nature for this religion could be demonstrated. According to their beliefs, nature repre-

sents the living manifestation of their divinities. Some animals are protected because they are considered as sacred, symbolizing their gods, and this protection is explained by the myths, stories, and legends. On the other hand, other species are used in procedures associated with religion, which represents an additional pressure on natural populations, highlighting the need to consider the religious dimension in the development of environmental preservation measures and the management of biodiversity. It is important to emphasize that such measures must take into account the religious context, as well as the tradition and the involved people's cultural identity.

LA NATURALEZA SAGRADA DEL CANDOMBLÉ: UN ANÁLISIS DE LA CONSTRUCCIÓN ACERCA DE LA NATURALEZA EN LOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ EN EL NORESTE DE BRASIL

Nivaldo Aureliano Léo Neto y Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

RESUMEN

La religión, como sistema cultural de creencias y valores, influye en los modos de percepción de la naturaleza e interacción con ésta de las comunidades humanas. Brasil tiene una inmensa diversidad biológica y cultural, presentando en su proceso de formación social y cultural influencias de los más diversos pueblos. El trabajo presente tuvo como objetivo analizar el discurso de los sacerdotes y sacerdotisas del candomblé, religión afro-brasileira de formación sincrética, en dos ciudades de la región Noreste de Brasil (Caruaru, PE y Campina Grande, PB) en lo referido a la construcción mística que los adeptos elaboran a partir de la naturaleza. Por medio de cuestionarios semi-estructurados, complementados con entrevistas abiertas, fueron entrevistados, 11 padres y madres del culto. A través de los datos obtenidos se

puede demostrar la importancia de la naturaleza para esta religión. De acuerdo con las creencias, la naturaleza representa una manifestación viva de sus divinidades. Ciertos animales son protegidos por ser considerados sagrados, simbolizando sus dioses. Esta protección está explicada a través de mitos, historias y leyendas. Por otro lado, otras especies son utilizadas en prácticas asociadas a la religión, representando una presión adicional en las poblaciones naturales, evidenciando la necesidad de considerar la dimensión religiosa en la elaboración de las medidas de preservación ambiental y de manejo de la biodiversidad. Cabe resaltar que esas mismas medidas no deben de dejar de llevar en consideración todo el contexto religioso, la tradición y la identidad cultural de las personas involucradas.